



A psicanálise, Peter e a Rainha Vermelha hoje

*Julio Moreno**, Buenos Aires

Este trabalho tenta refletir sobre o estado atual e a evolução da psicanálise do ponto de vista de algumas ciências da complexidade, tomando daí o princípio de Peter (em uma sociedade hierarquizada, a tendência é ascender até chegar ao lugar de não-competição) e o da Rainha Vermelha (em uma paisagem onde tudo muda, se alguém ficar parado, retrocede). Um postulado forte do trabalho é que a psicanálise sofreu com o fato de que, ao nascer e em seus primeiros sessenta anos, não teve rivais competentes. Isso fez com que tendesse a se perpetuar sem muitas modificações. A segunda tese é que os catastróficos genocídios do século passado terminaram com a ilusão moderna de que o humano poderia ser depurado. No final do trabalho, o autor enumera o que para ele (em sua prática) mudou mais radicalmente: não mais entender a transferência e o trabalho analítico como um tipo de revelação do oculto, mas sim como uma apresentação dos restos do passado não digeridos.

Descritores: Evolução da psicanálise. Complexidade. Transferência. Crise do pensamento moderno.

* Membro Efetivo da Associação Psicanalítica de Buenos Aires.

A parte mais curiosa era que as árvores e as outras coisas ao redor não mudavam absolutamente os seus lugares: não importava o quão rápido elas fossem, nunca conseguiam passar nada. *Pergunto-me se todas as coisas se movem junto conosco?* Pensou a pobre e abatida Alice [...] *Bem, em nosso país*, disse Alice, ainda ofegando um pouco, *uma pessoa geralmente chega a algum outro lugar se corre rápido por um longo tempo, como estivemos fazendo. Um país bastante lento!*, disse a Rainha. *Aqui, como vês, deves correr tudo o que podes para permanecer no mesmo lugar. Se queres ir a algum outro lugar, deverias correr ao menos com o dobro da velocidade.* (Carroll, 1871)

Introduzindo a questão

Na realidade deste mundo, tudo muda, tudo evolui para uma complexidade crescente. Isto, admitido hoje por todos os estudiosos da evolução e das chamadas *ciências da complexidade*, diz respeito aos costumes, às partículas, aos organismos, às teorias e às práticas. A pergunta é: isto também é válido para a psicanálise? Como prática e como teoria, a psicanálise evoluiu depois de Freud?

Assim formulada, esta pergunta parece bastante imprecisa e um pouco arditosa. Para nos aprofundarmos nela, deveríamos começar definindo o que chamamos *evolução* e questionando a adequação de compararmos sistemas que evoluem (como o tecnológico e o biológico) com a nossa psicanálise. Aqueles que equiparam a nossa disciplina com as artes ou com a especulação filosófica poderiam, com razão, denunciar que minha tentativa de comparar a evolução da psicanálise com a do motor à explosão ou a da teoria cósmica é puro reducionismo positivista. Outros poderiam dizer que cinquenta ou cem anos é muito pouco tempo para arriscar o estudo evolutivo de uma disciplina e que, desde Freud até hoje, houve acréscimos à nossa teoria, alguns deles substanciais; foram publicados milhares de artigos, *evoluímos*.

Minha afirmação de que esta pergunta poderia ser arditosa refere-se, no entanto, a outra questão: o termo *evolução* é um conceito relativo. Em um mundo que se transforma, as coordenadas de referência são dadas pela velocidade das mudanças. Se algo evolui em um ritmo inferior ao do mundo que o cerca, na verdade involui. Então, esta pergunta estaria melhor formulada se dissesse: a psicanálise mudou *em comparação* às mudanças *vertiginosas* do mundo nos últimos anos?



Não há dúvida que sim, mas em outro sentido: de ser concebida como um jovem portador da novidade em princípios do século, algo rebelde, resistente, mas forte e bem-sucedido conquistador das metas a que se propunha, nossa querida psicanálise passou a ser vista, hoje, pelo contrário, como uma área de influência em retrocesso, portadora de um discurso já assimilado que não surpreende porque, dizem, já se sabe de onde vem e para onde vai. A mídia costuma anunciar sua inevitável decadência...

Vale à pena, creio, questionar isso a partir de outra perspectiva, diferente da do catastrófico *tudo está perdido*, ou do empenho em evangelizar, com nossa verdade, este mundo frívolo no qual nos coube viver. Reconheço minhas próprias limitações para abordar este tema: sou psicanalista e faço parte daquilo sobre o que pretendo falar. Situação que, segundo dizem os historiadores, tangencia o impossível. No entanto, tentarei fazê-lo.

Minha tese será que o estado atual da psicanálise se deve, em grande parte, ao fato de que estamos arcando com as conseqüências lógicas não da fraqueza, mas da tremenda potência com que a teoria psicanalítica irrompeu no mundo há pouco mais de um século. Espero que o estranho e o paradoxal desta hipótese despertem, além de desconfiança, a sua paciência e o seu interesse.

Para abordar esta questão, utilizarei dois recursos: 1) apelar para alguns elementos básicos, provenientes de terrenos não psicanalíticos (as teorias da evolução e da complexidade); 2) certa licença para extrapolar, de modo um pouco desordenado, conceitos provenientes dessas ciências à psicanálise e vice-versa.

Peter e a Rainha Vermelha

Nas últimas décadas, surgiu uma proliferação de teorias que geraram uma série de princípios para modelar os sistemas complexos¹, que abrem perspectivas muito mais amplas que as que o mundo concebido pela reducionista ciência clássica supunha. Onde quer que existam alternativas de variabilidade frustradas e restrições, o sistema mais eficiente para as condições dadas tende a prevalecer sobre os demais, e o sistema tende ao complexo. E isto inclui o mundo das partículas, o dos seres vivos, o das teorias e o da tecnologia.

Agora, quero referir-me a dois princípios surgidos entre esses campos: o chamado *Princípio da Rainha Vermelha* (desenvolvido em 1973 por Van Valen e

¹ Teoria da informação, cibernética, teoria geral dos sistemas, teoria das catástrofes, caos determinista, sistemas adaptativos complexos, etc. Ver Arthur, 1993; Waldrop, 1992; Heyligen, 1996.

cujo nome provém de *Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carroll) e o *Princípio de Peter Generalizado*, introduzido humoristicamente por L. Peter (1977) e aplicado à evolução por Heylighen (1996 e 2008).

O Princípio da Rainha Vermelha diz que, para que tudo continue igual, é necessário evoluir. Um sistema que não evolui em um mundo que, sim, o faz, não fica parado: retrocede e, eventualmente, perece. Uma das peculiaridades da história é que o tempo sempre transpõe as vantagens, isto é, todo êxito contém a semente de sua própria derrota e todas as hegemonias têm um final. O progresso e o sucesso são sempre relativos. Quando a terra ainda não estava habitada por animais, os primeiros anfíbios a sair do mar puderam adaptar-se bem sendo lentos, rígidos, não muito diferentes dos peixes, já que eles não tinham nenhum competidor em terra. Todo o território seco do planeta lhes pertencia. Mas, se um peixe fosse sair para a terra hoje em dia (e mesmo que conseguisse esquivar-se do predador mais perigoso do planeta, o *humano*), seria seguramente engolido pela primeira raposa que passasse, da mesma forma que uma tropa mongol seria, hoje, arrasada pela arma moderna (Ridley, 1993; Dennett, 1995). Isto não deveria ser tomado como uma ideologia de vida ou um princípio ético. Pretende, somente, ser o reflexo de uma realidade deste mundo: para permanecer, é necessário mudar, porque tudo muda.

O Princípio de Peter Generalizado diz que os sistemas em evolução tendem ao limite de sua competência adaptativa. Se, em um momento determinado, uma espécie ou uma teoria resulta muito *superior* a outras, esta poderá expandir-se sem necessidade de modificações evolutivas, mas, inevitavelmente, em algum momento alcançará o limite de sua capacidade adaptativa (*i.e.*, o limite de sua incompetência) e, para permanecer, deverá continuar evoluindo (de onde o *Princípio de Peter* se relaciona com o da *Rainha Vermelha*). Aqueles primeiros anfíbios a saírem para a terra, por se encontrarem em um nicho sem competidor à vista e com todo o alimento a sua disposição, por um tempo não necessitaram evoluir. Toda a terra lhes foi oferecida sem restrição. Nessa situação, a melhor estratégia para que seus genes se expandissem pode ter sido simplesmente reproduzir-se de forma intensa, mantendo-se tão iguais a si mesmos como pudessem. Mas, seja porque sua vertiginosa reprodução gera por si só restrições, porque outras espécies evoluem e se tornam mais competentes, seja porque consomem seus próprios recursos, inevitavelmente essa época *de ouro* chega ao fim. Daí por diante ou evoluem ou perecem.

Poderíamos apresentar, assim, um quadro geral baseado nestes dois princípios que contém uma espécie de paradoxo: quando surge uma novidade que contém elementos capazes de revolucionar favoravelmente um sistema, é



assimilada e consegue sobreviver, quer dizer, quando se produz um acontecimento bem-sucedido, por um tempo as restrições entram em colapso e a novidade se expande. Logo, cedo ou tarde, mas inevitavelmente, o outro princípio toma as rédeas: ou se transforma ou perece.

Mas a psicanálise evoluiu?

Voltemos ao tema em questão, a evolução da psicanálise como teoria e como prática. Pelos princípios da Rainha Vermelha e de Peter, em termos de sobrevivência, o que importa é a correlação entre as mudanças de um sistema e o meio no qual se desenvolve. Para além de se a psicanálise mudou ou não *em si*, não há dúvida de que mudou sua relação com o meio. Como explicar a marcante mudança da vinculação entre nossa disciplina e seu contexto nos últimos cinquenta ou cem anos? Será que a cultura contemporânea *não compreende* a qualidade de nossa proposta? Ou nós, psicanalistas, por não conseguirmos que nossas novidades transformem a realidade, acabamos ficando para trás? Penso que há um pouco das duas coisas e que isto se relaciona estreitamente com as condições que circundaram o surgimento da psicanálise.

O surgimento glorioso da psicanálise

Freud nos explicou que, por afetar nossa narcisística aspiração de ocupar o centro, a teoria darwiniana da evolução, a psicanalítica e a heliocêntrica foram recebidas com resistência. Sem contradizer essa verdade, permitam-me apresentar-lhes outro ângulo da questão.

Mesmo que a psicanálise e o darwinismo constituam golpes ao narcisismo da humanidade, estas duas teorias não foram mal recebidas pelos setores *progressistas* da sociedade que as viu nascer. Quando Charles Darwin (1858) e Alfred Wallace anunciaram o primeiro esquema do mecanismo da evolução, a vertente progressista do pensamento vitoriano estava em seu apogeu. Não é de estranhar que a idéia de *evolução* tenha sido rapidamente interpretada como a ideologia que sustentaria o novo Deus do progresso, tão caro à modernidade, e incorporada. A repentina popularidade da evolução (e foi de início muito popular) deveu-se, em grande parte, a que foi mal entendida como uma teoria do progresso constante da ameba ao homem, uma escada para a auto-superação.

A psicanálise foi também incorporada rapidamente a esse ideal moderno

do humano caminhando rumo ao vértice da perfeição. Os setores mais progressistas da sociedade também a compreenderam mal, tomando-a como a ferramenta capaz de levar a humanidade a corrigir o que pudesse ainda persistir de animal e bruto de nosso passado simiesco, mesmo admitindo sua existência. Assim como a teoria da evolução falou de um passado animal, mas foi mal interpretada como o sustentáculo de nosso afastamento dele, a psicanálise falou de nossa excentricidade essencial e das paixões obscuras de nosso inconsciente, mas foi entendida como o índice determinante do caminho para a liberação delas. Os primeiros trabalhos de Freud estão claramente embebidos do espírito de usar a psicanálise em benefício do destino glorioso da humanidade. Neles, não refutou a possibilidade de que, introduzindo-se suas verdades na pedagogia ou nas classes adequadas da organização social, se pudesse *corrigir* os desvios brutais do homem. Mais ainda, à medida que Freud foi tomando contato com o errôneo desta ilusão e tentou aproximar-se de um quadro mais cru e real, menos ilusoriamente progressista da natureza humana e dos alcances da psicanálise, foi recebido por seus próprios discípulos com resistências e críticas².

Agora já não é o mesmo

Por volta do final do segundo milênio, outro estado de espírito envolveu a humanidade: sua receptividade às teorias darwinista e psicanalítica havia mudado. O progresso, sabe-se, já estava na iminência de golpear e romper os diques com a superpopulação, o efeito estufa, o esgotamento dos recursos do planeta (Diamond, 2007). Cabem, agora, algumas perguntas. A revolução industrial tornou a pessoa comum mais saudável, provida e sábia? Ou, antes nos expulsou de toda zona de certeza? Os novos âmbitos do humano, os não-lugares (Augé, 1992), são mais confortáveis que o desordenado sistema de lugares da sociedade pré-industrial? Mais próximo de nosso campo, a última revolução informática informou ao sujeito, de uma forma mais confiável, onde está e qual é a sua morada? Fez-nos mais felizes? A obsolescência de tudo o que emerge em nosso universo social e informático relaciona-se com algum grau de conforto? Os amplos caminhos abertos pela socializante *Web 2.0*, de 2007 não trazem vínculos comunitários melhores? A psicanálise de hoje parece ter desistido do lugar de promissor depurador do

² Encobertas, às vezes, por trás dessa arma cruel que nós, psicanalistas, possuímos: a interpretação fora de contexto dos motivos *profundos* que o animaram. Por exemplo, em algum lugar li que Freud estava *afetado pela notícia de seu câncer* quando escreveu *Más allá...* ou *abatido pela proximidade de sua morte em Análisis terminable...*



devenir humano. Melhor dizendo, denuncia (ou deveria delatar) o ilusório daquela utopia.

Além das palavras, fala o horror

Se nossa situação é hoje tão categoricamente diferente da que viveu Freud, isso se deve, em grande parte, ao impacto produzido pelos abomináveis célebres genocídios do século passado. O nazismo e seu holocausto, não o esqueçamos, surgiram a poucos quilômetros e sob o mesmo idioma que a psicanálise, em pleno apogeu de seu desenvolvimento. Em meu país, ocorreu uma situação semelhante: no clímax da notória influência da psicanálise, tivemos nosso próprio horror com dezenas de milhares de desaparecidos. Em diferentes escalas, os fenômenos se parecem. Ambos evidenciaram, de um modo brutal, sem palavras nem apelações, o fracasso da ideologia progressista que acompanhou a psicanálise em seu início. A ilusão de que, com a supervisão da psicanálise, o progresso poderia levar o ser humano a tornar-se *melhor* sofreu um terrível desengano. Hoje sabemos que, mesmo que possamos tornar *um* ser humano melhor, não há esperanças de que sanemos toda a comunidade.

É certo que tanto a psicanálise como a teoria darwiniana constituem valiosíssimas e imprescindíveis ferramentas para que saibamos a que nos ater, para explicarmos, por exemplo, que efetivamente podemos chegar a nosso extermínio ou que o nazismo e o genocídio não somente são possíveis, mas que, em determinadas condições, poderiam ser previsíveis. Cientes disso, estaremos em posição mais favorável para eventualmente detê-los. Creio, pessoalmente, que esse é o grande desafio de nossa geração: poderemos frear o caminho que leva à autodestruição direta ou indireta de nossa espécie e de nosso planeta? Mas essa não é tarefa direta da psicanálise. Não é que não possamos ajudar aqui ou ali no desenvolvimento de potências sublimatórias ocultas em sujeitos individuais. Mas, em nossa tarefa profissional, sabemos que pouco é o que podemos fazer sozinhos – além de nos reunirmos em equipes interdisciplinares para refletir sobre estas questões – para corrigir *desvios* do caminho de nossa espécie.

A potência da psicanálise terminou sendo seu maior inimigo

A psicanálise não só foi bem recebida pelos setores progressistas da sociedade européia e americana, como seu surgimento marcou, além disso, um

revolucionário acontecimento no campo das ciências do homem. Quando entrou no mundo, não encontrou rivais. Sua polêmica com a psicologia e a neurologia de princípios do século, lida com a distância dada por mais de cem anos, nos parece agora até um tanto *ingênu*³. A teoria psicanalítica era infinitamente mais poderosa que qualquer suposta teoria rival da época. As conferências que Freud costumava dar nos círculos médicos de Viena não tinham o propósito de rebater idéias, mas explicar a seus *adversários* o que eles nem sequer haviam vislumbrado. Eram, na realidade, aulas *Introdutórias* para alunos principiantes. A polêmica dentro da qual cresceu a psicanálise teve que ser, em grande medida, inventada por Freud. O que se reflete no conhecido estilo de sua escrita: *inventava* críticos que discutiam um a um seus argumentos (o que me lembra um pouco os filhos únicos que costumam *inventar* irmãos imaginários). Talvez isso tenha nascido da percepção da solidão em que haviam ficado Freud e sua teoria pelo fato de ser tão mais dotado e poderoso que seus contemporâneos. Terá advertido prematuramente que o real inimigo da psicanálise chegaria a ser a falta de rivais?

A psicanálise se difundiu, mas sua evolução se estagnou

A aparição da psicanálise constitui um dos mais notáveis acontecimentos do princípio do século passado. Como ocorre cada vez que surge uma teoria mais forte que suas predecessoras, mal nasceu já se infiltrou em todos os discursos. Não restou área da cultura que não tivesse sido afetada por sua revolucionária presença, nem pensador que não a incluisse na lista de seus comentários obrigatórios. Todo o mundo da cultura se rendia a seus pés. Seus adeptos cresceram exponencialmente. No terreno da prática não foi diferente. Com relação a compreender e modificar as bases da neurose, nenhum método terapêutico chegou sequer a seus tornozelos.

Mas a passagem por épocas de ouro costuma deter a evolução. Porque cada vez que uma teoria nasce para um mundo que explica com mais credibilidade que as demais, o *Princípio da Rainha Vermelha* (é preciso mudar para permanecer) e o de *Peter Generalizado* (a menos que se transforme, seguramente se chega à incompetência) perdem sua eficiência. Por isso, em tempos de abundância, costumam prosperar estratégias que obrigam a entrada de variabilidade no sistema (por exemplo, não favorecer diferenças ou expulsar os que não pensam como os demais). Como é lógico, este último contribui para que se torne ainda mais lenta

³ N.T.: Naïve foi traduzido por *ingênu*.



a evolução; todos os esforços parecem concentrados em ocupar o território conquistado.

De um outro ângulo, mais teórico, a explicação destes fenômenos é, na verdade, simples: a evolução de qualquer sistema depende da ação conjunta de variabilidade (acaso, combinatória) e restrições (competência, necessidade). Se, por alguma razão, se força um dos dois fatores, o processo evolutivo se detém. Se um sistema elimina a entrada de variáveis, torna-se conservador; se o sucesso competitivo é tal que dissolve as restrições à propagação, também (não há regras de jogo que façam prevalecer uma das variáveis).

Creio então que a psicanálise sofreu os efeitos de ter sido mais efetiva e profunda que qualquer teoria em seu campo e de ter nascido em um mundo *pronto* para aplaudir sua inovação. Como qualquer sistema enfrentando um universo sem concorrência, expandiu brutalmente sua influência à custa de deter a evolução.

Por que já não nos requisitam tanto?

Trinta anos atrás, em Buenos Aires, se alguém quisesse começar uma análise didática, era muito provável que tivesse que permanecer em uma lista de espera e, em alguns casos, podia levar até três anos para começar o tratamento. Hoje em dia a situação mudou consideravelmente e chega a ser uma preocupação o tempo livre dos analistas. É inquestionável, houve uma mudança na demanda. A pergunta é: isso anuncia alguma catástrofe? Mesmo que possamos viver assim, este não é um fenômeno súbito desses que chegam como um terremoto, interrompendo a paz reinante.

Pode-se reconstruir a história que conduziu as coisas a este lugar⁴. Tudo isto é exatamente o que ocorre cada vez que o aparecimento de alguma novidade exitosa desequilibra um sistema equilibrado. Em um nicho ecológico, por exemplo: no começo, há um crescimento exponencial do número de indivíduos portadores de uma novidade que os faz exitosos e que diminui até alcançar um *platô* (o limite da adaptabilidade de Bonner, 1980). Os princípios de *Peter e da Rainha Vermelha* parecem não vigorar mais. Há um hegemônico reinado da novidade, e

⁴ Inventando conjecturais tendências: em nosso planeta, digamos de 1900 a 1970 (ou na Argentina, de 1940 a 1970), o número de psicanalistas e o de solicitantes de psicanálise deve haver crescido de forma exponencial (como a seqüência 2, 4, 8, 16, 32, 64....) em função do tempo. Pela inércia natural (e o tempo que dispense a formação) o número de psicanalistas *formadores* deve ter crescido em proporção muito menor que o de solicitantes. Deve-se ter chegado a um *platô* pelos anos 80, e desde então a proporção formadores/aspirantes se inverteu.



Julio Moreno

irrompe a sensação de se ter chegado à terra dourada, com a desejada tranquilidade das coisas, o lugar aristotélico próprio de cada substância. Foi o que ocorreu, por exemplo, na física assim que a mecânica newtoniana surgiu, ou no mundo dos primatas superiores com o surgimento do *Homo sapiens* há uns quarenta mil anos... Mas, cedo ou tarde, as coisas voltam a seu curso natural. O curso natural não é nem a quietude, a ordem dos lugares de Aristóteles, nem que o número de indivíduos de uma espécie, de praticantes de uma profissão, ou de pacientes cresça sempre *mais* que o resto do mundo.

Tudo isto sustenta uma espécie de paradoxo: quando um crescimento exagerado, em idéias e em número de simpatizantes, como o que teve a psicanálise, se detém para tornar-se próximo da população em geral, justamente quando as coisas voltam ao natural, é gerada uma defasagem que faz com que apareçam como altamente anormais. Por isso, acreditamos que as coisas antes, na época de ouro, eram normais e agora não.

Somos o que nos pedem

Por que é tão temível para nós, psicanalistas, que diminua a demanda de nossos serviços? Apesar do que noticia a imprensa mal intencionada, não é porque afete nossos bolsos, mas porque afeta a solicitação da qual somos objeto. E nós, analistas, somos muito dependentes da demanda. De algum modo, nós, psicanalistas, somos o que os analisados esperam de nós. Se ninguém diz que espera algo de nós, se não nos solicitam nada, não somos. E a demanda não só diminuiu em quantidade. Há rumores de que se produziu uma deterioração na qualidade. *Pacientes eram os de antes*, escuto, com freqüência, dizer em tons apocalípticos.

Mas, pensemos, por que considerar que esta realidade e não aquela, a da época de ouro, é a mais peculiar? Naquele tempo, se alguém *se analisava*, estava fazendo o que para um amplíssimo grupo social era o óbvio. Os analistas respondiam a essa obviedade no ritmo que podiam (talvez em parte porque para eles também fosse uma obviedade o serem tão requisitados). O problema é que o óbvio fica *fora* de questão e fora de análise. Hoje em dia, creio, analisar-se não é cumprir uma obviedade. É, antes disso, toda uma questão, um trabalho cujo esforço costuma estar presente na mente daqueles que solicitam análise e, permitam-me arriscar a opinião, na dos psicanalistas que recebem essa solicitação. Se um paciente não se questiona de forma explícita por que decidiu analisar-se, logo surge em sua análise que, por trás da obviedade, se ocultava algum aspecto cuja revelação



será chave do processo. Há outras opções presentes, por exemplo, não se analisar. Antes, acredite-se ou não, em certo grupo social de meu país *não se analisar* era uma opção condenável. Era óbvio que todo o mundo devia analisar-se. Mas a análise se detém frente ao óbvio.

De que mudança se trata?

No momento, qual é a natureza da mudança que se estaria desenvolvendo em nossa cultura e que tanto nos afeta?

A resposta que geralmente escuto a esta pergunta é que se trata de mudanças econômicas, da *globalização* econômica e cultural, de uma crise de valores, da decadência da vigência do *pater familiae*, do pós-modernismo, da cultura *light*... Posso compartilhar de algumas dessas opiniões, mas creio que essa lista enumera antes os *efeitos* de uma mudança mais radical que afeta a medula de nossa prática e se produz a uma velocidade cada vez mais vertiginosa.

Refiro-me ao fato de que estamos vivendo os efeitos de uma *super-revolução informática*, que começou em 1971 com o lançamento do primeiro microprocessador eletrônico. Suas conseqüências estão em pleno progresso. Hoje em dia, todos temos acesso, em segundos, por meio do que se chama a *Rede*, a um *pool* informático assustador. O novo desenvolvimento da Internet, chamada *Web 2.0* (Cobo e Pardo, 2007), que generaliza e facilita os contatos fugazes e obsoletos entre os milhões de usuários que intercambiam fotos, comentários, endereços de forma anônima e expansiva, leva isto a limites difíceis de precisar. Este *pool* não somente é acessível a todos, mas também todos podem penetrar nele com informação e nele deixar sua marca, nas denominadas páginas *wiki*. Uma marca que é anônima, como a informação que dele obtemos. Além disso, tudo que entra e sai da rede, os instrumentos de acesso à mesma vêm marcados por uma obsolescência presente desde seu nascimento: nada perdura, faz-se inútil o apegar-se a algo.

As revoluções informáticas, que afetam a velocidade de intercâmbio dos significantes e nossa subjetividade, são separadas por períodos de tempo cada vez menores, e o mais notável é que a última terminará em umas poucas décadas, cumprirá seu ciclo em menos de uma geração: a nossa.

O sujeito que, como dizia Heidegger (1926), tem sua morada na linguagem, não pode deixar de ser afetado por estas vertiginosas transformações, por esta fugacidade da vigência do significado que o priva do lugar calmo que outrora lhe oferecera um simbólico estável (relativamente aos tempos possíveis do ego).

Nossos egos, com sua inércia natural, não conseguem envolver essa vertiginosidade e estão confusos. Como Alice nos territórios da Rainha Vermelha, não conseguem sequer correr o suficiente para ficar no mesmo lugar. A paisagem se modifica muito rápido. Isto gera crise. Os tempos mais ou menos estáveis ou sólidos que possam ter regido a vida de algum de nossos avós são hoje, na realidade, uma relíquia de museu comparados com os do líquido, os da Rede, aonde tudo chega e se vai cada vez com maior velocidade. Velocidade que não se detém com lamentos.

O que nos cabe viver?

Além do valor magicamente protetor da queixa, deveria assombrar-nos essa peculiar qualificação da realidade de ser *a que nos compete*, frase tão escutada nestes tempos. Creio que a expressão alude melhor à crença de que existe (ou existiria) *outra* realidade, o que justificaria o protesto pela que nos cabe, que vem a ser a realidade ruim. Perigosíssima posição neurótica!! Segundo ela, habitaríamos uma realidade (*a que nos compete*) que não aceitamos. Sabemos, no entanto, que não há outra realidade exceto a existente, que não pode haver outra senão em nossa ilusão ou em algum território platônico que, desde sempre, foi explorado pelas religiões e cenário das fantasias neuróticas. Também sabemos que a queixa é a típica artimanha neurótica para evitar essa realidade.

Não creiam que, por minha crítica a esta posição de queixa, desconheça seus argumentos, que não compartilhe do mal-estar que gera a mudança no tipo de demanda de que somos objeto, o clima de desprestígio, etc. Mas, como ocorre em nossa prática, tudo depende da maneira como entendemos o mal-estar: pode indicar que a realidade está mal ou que nos custa aceitá-la.

Convém, neste ponto, fazer uma distinção entre o que acontece a nós, *os* psicanalistas, e o que ocorre à psicanálise. Nesse sentido, creio que estamos vivendo o que, *para a psicanálise*, (ainda que não necessariamente para alguns psicanalistas) poderia ser um dos melhores tempos, melhor ainda que o da época de ouro.

Meu argumento é muito simples. Creio que este momento traz à cena fatores cujo desaparecimento foi, segundo minha análise, iniciador da decadência. Creio que é bom ser tocado pela realidade *que nos compete viver* para contatar com os pontos nos quais a certeza fechava o caminho das inconsistências (o único lugar por onde as teorias crescem). Não seria bom para nós se um véu *protetor* não nos deixasse ter contato com o que ocorre na realidade e do que deveríamos dar conta. Os véus, como as mães protetoras, não nos deixam enfrentar nossa própria fraqueza,



único caminho para crescer. Mesmo que engordem a auto-estima, as situações *favoráveis* de abundância desproporcionada não permitem crescer.

É certo que ter contato com as inconsistências e revelar encobrimentos não garantem a direção do futuro. Não está escrito o que acontecerá depois: poderá ser um acontecimento feliz, mas também uma catástrofe infeliz. Mesmo assim, ocultando a realidade, não consertaríamos nada. Compreendamos bem, não digo que a psicanálise não tenha produzido mudanças. O que ocorre é que, de acordo com a Rainha Vermelha e Peter, *não avançamos no ritmo vertiginoso atual*.

A situação nos coloca frente a duas opções: ou bem não acolhemos as reclamações nem as mudanças do meio, ficamos *na nossa* e esperamos que a realidade se dê conta de que temos razão. Ou, ao contrário, tentamos entender e integrar novidades a nosso corpus teórico e prático que eventualmente nos abram caminho para algum diálogo com a paisagem vertiginosamente mutável da realidade. São duas opções arriscadas. Também existe uma terceira opção, a neurótica, que consiste em não escolhermos nenhuma opção e persistirmos instalados na queixa. Esta última é a pior.

O fato de que nos dediquemos a refletir sobre o que ocorre com a coletividade afetada resulta, por si só, favorável. Sobretudo se entendemos que à nossa porta pode estar batendo uma verdade que, como toda verdade, não tem lugar na estrutura de nosso pensamento, mas insiste em sua exigência de ser levada em conta⁵. Por isso digo que este poderia ser um bom e importante momento para a psicanálise, muito mais que aquele outro no qual a robusta e ilusória consistência de nosso saber junto com o cerimonioso endeusamento popular não deixavam fenda por onde vislumbrar os lugares de produção (ou seja, de inconsistência) de nossa teoria.

Mas afinal, em que mudou a psicanálise para mim?

Para tentar responder a esta pergunta, necessito fazer uma brevíssima síntese do que penso sobre um aspecto de nossa tarefa.

Em princípio, tratou-se de *fazer consciente o inconsciente* através da recordação, do trabalho sobre as resistências e/ou através da repetição transferencial. Um avanço para mim (2002) foi entender que o inadmissível não é só o inconsciente. Isto é o que fica por fora do representável, o que foi

⁵ Com *verdade* não aludo a adequação do pensamento ao pensado; mas aquilo que, ao ficar excluído de uma estrutura (por exemplo teórica), insistentemente marca sua inconsistência e lhe exige reformulação. (Badiou, 1993).

especificamente excluído do universo representacional, mas que, ainda assim, sem ter representação, pode produzir efeitos.

Aí não terminam o que considero *agregados* substanciais. Hoje, questionamos não só que o essencial de uma análise se esgote em *recordar o esquecido*, mas também que esse esquecido *exista*, como se estivesse nas profundezas da mente à espera de revelação. Há vezes em que isso, por não existir no mundo representativo, deve ser *produzido*.

Ou seja, a psicanálise não é como o trabalho do arqueólogo, que desenterra tesouros escondidos, nem como o de um antropólogo, que descobre significados ocultos de um escrito enigmático. Trata-se, inclusive, de que ocorra em pura imanência (Deleuze, 1995) o não ocorrido e/ou não significado na vida do paciente. Em momentos cruciais de toda análise (e, mais ainda, em patologias severas do desenvolvimento), nossa tarefa como psicanalistas gira justamente em torno da intenção de que consiga representar o não-representável.

A psicanálise assim entendida não consiste em reconstruir o passado esquecido ou reprimido através da rememoração ou da repetição. Trata-se, na verdade, de ver que efeitos têm as ruínas desse passado sobre o presente. Também se trata de *produzir* a fragmentação das mesmas, destruir seu sentido congelado e resgatar seu mistério. Literalmente falando, trata-se de arruinar o sentido histórico totalizador aniquilando-o contra o presente imanente; ou seja, transformar o passado em ruínas, construí-lo no agora e observar o que surge da confusão criativa entre passado, presente e futuro que é a transferência. Esse passado conserva valor no vínculo analítico, mas somente se o vemos através do brilho com que sua fragmentação ilumina o presente. Não o preservando intacto e inerte para descobri-lo, mas desconstruindo-o. Devemos evitar a ofuscante luminosidade apolínea com que o passado pretende explicar o presente e recuperar o dionísíaco, o misterioso oculto nos labirintos da alma. □

Abstract

Psychoanalysis, Peter and the Red Queen today

This study is an attempt at reflecting about the current state and evolution of psychoanalysis from the perspective of some complexity sciences, from which this discussion borrowed the concepts of Peter (in an hierarchical society, the trend is to move upwards until the point of noncompetition is reached) and of the Red Queen (in a scenario in which everything changes, those who stand still end up moving backwards). A powerful study assumption is that psychoanalysis



suffered from the fact that it had no competent rivals at the time when it was born and along its first 60 years. This resulted in a trend towards perpetuation and not many changes. The second premise is that last century's catastrophic genocides put an end to the modern illusion that human beings might be depurated. At the end of this study, the author presents what has changed most radically for him in his practice: he does not see transference and analytical work as any type of occult revelation, but as a display of the leftovers of a past that was not well digested.

Keywords: Evolution of psychoanalysis. Complexity. Transference. Crisis of modern thought.

Resumen

El psicoanálisis, Peter y la Reina Roja hoy

Este trabajo intenta reflexionar acerca del estado actual y la evolución del psicoanálisis desde la perspectiva de algunas ciencias de la complejidad tomando dos principios de allí, *El de Peter* (em una sociedad jerarquizada, la tendencia es ascender hasta llegar al lugar de incompetencia) y *El de La reina roja* (en un paisaje en que todo cambia, si uno se queda quieto, retrocede). Una postulación fuerte del trabajo es de que el psicoanálisis sufrió del hecho de que, al nacer y en sus primeros sesenta años, no tuvo rivales competentes. Lo cual hizo que tendiera a perpetuarse bastante igual a si mismo. La segunda tesis es que los catastróficos genocidios del siglo pasado terminaron con la ilusión moderna de que el humano podría ser depurado. Hacia el final del trabajo, el autor enumera lo que para el (en su práctica) há cambiado más radicalmente: no entiende la transferencia y el trabajo analítico como una suerte de develación de lo oculto, sino como una presentación de los restos del pasado no digeridos.

Palabras llave: Evolución del psicoanálisis. Complejidad. Transferencia. Crisis del pensamiento moderno.

Referências

- ARTHUR, W. B. (1993). Why do things become more complex? *Scientific American*. v. 268, n. 5, p. 92.
AUGÉ, A. (1992). *Los no lugares: espacios del anonimato*. Gedisa: Barcelona.

Julio Moreno

- BADIOU, A. (1993). La Ética: ensayo sobre la conciencia del mal. In: ABRAHAM, T.; BADIOU, A.; RICHARD, R. *Batallas Éticas*. Buenos Aires: Nueva Visión
- BONNER, J. T. (1980). *The evolution of culture in animals*. New Jersey: Princeton University Press.
- CARROLL, L. (1871). *Through the looking glass and what Alice found there*. London: Paragon.
- COBO, C.; PARDO, H. (2007). *Planeta web 2.0: inteligencia colectiva o medios fast food*. Disponível em: <www.planeta_web2.0>
- DARWIN, C. (1858). *On the origin of species*. Cambridge: Mass; London: Harvard University Press, 1975.
- DELEUZE, G. (1995). L'immanence: une vie... *Philosophie*. n. 57.
- DENNET, D. (1995). *Darwin dangerous idea: evolution and the meaning of life*. New York: Simon and Schuster.
- DIAMOND, J. (2007). *Colapse*. New York: Penguin.
- HEIDDEGER, M (1926). *Ser y Tiempo*. Disponível em: <<http://www.philosophia.cl>>
- HEYLIGHEN, F (1996). *The direction of evolution*. Disponível em: <<http://pespmc1.vuc.ac.be/DIREVOL.html>>
- _____. (1996). The growth of structural and functional complexity during evolution. In: HEYLIGHEN, F.; AERTS, D. (Ed.). *The Evolution of Complexity*. Kluwer: Kluwer Academic Publishers.
- _____. (2008). Five questions on complexity. In: GERSHENSON, C. (Ed.). *Complexity: 5 questions*. Automatic Press / VIP, 2007/2008.
- MORENO, J. (2002). *Ser humano*. Buenos Aires: Libros del Zorzal.
- PETER, L.; HULL, R. (1977). *El principio de Peter*. Barcelona: Plaza y Janes.
- RIDLEY, M. (1993). *The red queen: sex and evolution of human nature*. USA: Penguin Books.
- ROTHSCHILD, M. (1993). Cro-magnon's secret Weapon. *Forbes ASAP Magazine*. A technology supplement 13, v. 152, n. 6, p. S19. Disponível em: <http://www.bionomics.org/text/resource/articles/ar_020.html>.
- VAN VALEN, L. (1973). A new evolutionary law. *Evolutionary Theory*. v. 1, p. 1-30.
- WALDROP, M. M. (1992). *Complexity: the emerging science at the edge of order and chaos*. New York: Simon & Schuster.

Recebido em 16/07/2008

Aceito em 30/07/2008

Tradução de **Ana Raquel Salgado**
Revisão técnica de **Tula Bisol Brum**

Julio Moreno

República De La India 2921, Piso 12
1425 – Buenos Aires – Argentina
e-mail: julmoreno@fibertel.com.ar

© Julio Moreno

Versão em português Revista de Psicanálise – SPPA